

Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico 6

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico 6

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra
(Organizadora)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E56 Enfermagem moderna [recurso eletrônico] : bases de rigor técnico e científico 6 / Organizadora Isabelle Cordeiro De Nojosa Sombra. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-931-8

DOI 10.22533/at.ed. 318201701

1. Enfermagem – Pesquisa – Brasil. 2. Enfermeiros – Prática.
 3. Saúde – Brasil. I. Sombra, Isabelle Cordeiro De Nojosa. II. Série.

CDD 610.73

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “*Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico 6*” aborda uma série de estudos realizados na área da Enfermagem, sendo suas publicações realizadas pela Atena Editora. Em sua totalidade está composta por 2 volumes, sendo eles classificados de acordo com a área de abrangência e temáticas de estudo. Em seus 19 capítulos, o volume II aborda diferentes aspectos relacionados à atuação da enfermagem e os múltiplos saberes em saúde.

As pesquisas trazem informações atualizadas que contribuem para seu entendimento quando trabalham as mais diversas temáticas, com enfoque na inserção do enfermeiro na equipe multiprofissional. As temáticas abordam, dentre outras, pesquisas relacionadas à saúde do idoso, doenças crônicas, imunobiológicos, educação em saúde e oncologia.

Assim, este volume II é dedicado ao público usuário dos serviços de saúde, no que diz respeito à sua inserção nas práticas de promoção da saúde, além de ser de extrema relevância para enfermeiros e demais profissionais atuantes na assistência, docentes da área e discentes, trazendo artigos que abordam informações atuais sobre as práticas de saúde e experiências do ensino e aprendizagem no âmbito da saúde aos mais variados públicos.

Ademais, esperamos que este livro possa servir de embasamento científico para formação e atualização profissional, além de fortalecer e estimular as práticas educativas pelos profissionais da saúde, buscando cada vez mais a excelência na assistência, disseminando práticas promotoras da saúde, e fortalecendo a prática clínica de enfermagem e das demais profissões que cuidam da saúde.

Isabelle Cordeiro de Nojosa Sombra

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AMPLIANDO OS CONHECIMENTOS SOBRE SAÚDE AUDITIVA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA CAPACITAÇÃO	
Kelly Mariana Pimentel Queiroz Ana Carolina Souza da Costa Mariana Oliveira do Couto Silva Fernanda Valetim Paula Silva Figueiredo Tathyanna Bichara de Souza Neves Maria Fernanda Larcher de Almeida Angelica Nakamura Uliana Pontes Vieira Vivian Oliveira Sousa Correia Inês Leoneza de Souza Jane de Carlos Santana Capelli	
DOI 10.22533/at.ed. 3182017011	
CAPÍTULO 2	11
A ESTRUTURAÇÃO DO PROCESSO DE TRABALHO NA APLICAÇÃO DE IMUNOBIOLOGICOS: PROPOSTA DE UM MODELO	
Antônio de Magalhães Marinho Suzana da Silva Pereira Maria Lelita Xavier Julia Marinho Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed. 3182017012	
CAPÍTULO 3	22
ADESÃO AO USO DO PRESERVATIVO MASCULINO POR ACADÊMICOS HOMENS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA DA REGIÃO SUL DO PAÍS	
Candice da Silva Flores Herton Gilvan Caminha Goerch	
DOI 10.22533/at.ed. 3182017013	
CAPÍTULO 4	35
APLICABILIDADE DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE EM PACIENTES DO PROGRAMA HIPERDIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Laís Souza dos Santos Farias Geovana dos Santos Vianna Priscila das Neves Miranda Thaís Lima Ferreira Roseanne Montargil Rocha Isabella Ramos dos Santos Fernanda Alves Barbosa João Pedro Neves Pessoa Ana Carolina Santana Cardoso Emanuela Cardoso da Silva Tércia Oliveira Coelho João Luis Almeida da Silva	
DOI 10.22533/at.ed. 3182017014	

CAPÍTULO 5 43

ASPECTOS CLÍNICOS-EPIDEMIOLÓGICOS DOS ACIDENTES OFÍDICOS NO MUNICÍPIO DE ILHÉUS – BAHIA

Susane Mota da Cruz
Giselle Adryane da Silva Jesus
Thaís Lima Ferreira
Laíne de Souza Matos
Vivian Andrade Gundim
Marcelly Cardoso Vieira Cruz
Beatriz dos Santos Andrade
Rafaella dos Santos Lima
Cátia Luiza da Silva Barbosa
Taã Pereira da Cruz Santos
Carlos Vitório de Oliveira
Fernanda Alves Barbosa

DOI 10.22533/at.ed. 3182017015

CAPÍTULO 6 52

ATUAÇÃO DO PROJETO REDE DE CUIDADOS EM DIABETES MELLITUS NA COMUNIDADE

Isabella Ramos dos Santos
Roseanne Montargil Rocha
Laís Souza dos Santos Farias
Geovana dos Santos Vianna
João Pedro Neves Pessoa
Ana Carolina Santana Cardoso
Emanuela Cardoso da Silva
Tércia Oliveira Coelho
Ualison Oliveira Sena
Kaique Santos Reis
Ariel Henrique Santos Hoffmann
Gisele Santiago Bomfim

DOI 10.22533/at.ed. 3182017016

CAPÍTULO 7 61

CUIDADOS PALIATIVOS NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: REVISÃO DE LITERATURA

Maira Amorim da Costa
Roberta Teixeira Prado
Jussara Regina Martins
Lairana Dineli Pacheco dos Santos

DOI 10.22533/at.ed. 3182017017

CAPÍTULO 8 69

CUIDANDO DA SAÚDE DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Karina Cerqueira Soares
Mateus Oliveira Alves
Roseanne Montargil Rocha
Maria do Rosário Andrade Barreto Ferreira
Taã Pereira da Cruz Santos
Isabel Priscilla dos Santos Guevara
Beatriz dos Santos Andrade

Isabella Ramos dos Santos

Tamiles Costa Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed. 3182017018

CAPÍTULO 9 79

DOR ASSOCIADA AO PROCEDIMENTO DE ASPIRAÇÃO ENDOTRAQUEAL COM SISTEMA ABERTO: REVISÃO INTEGRATIVA

Layara da Silva

Roberta Teixeira Prado

Jussara Regina Martins

Lairana Dineli Pacheco dos Santos

DOI 10.22533/at.ed. 3182017019

CAPÍTULO 10 87

ESTRATÉGIAS INDIVIDUAIS E ORGANIZACIONAIS PARA DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS NO ÂMBITO HOSPITALAR

Laura Andrian Leal

Silvia Helena Henriques

Daniela Sarreta Ignácio

Nilva Maria Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed. 31820170110

CAPÍTULO 11 100

FATORES DE RISCO PARA LESÃO DE CórNEA NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA: REVISÃO INTEGRATIVA

Queila Faria dos Santos

Graciele Oroski Paes

Marília Gomes e Silva

Carlos Rodrigo Morais de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed. 31820170111

CAPÍTULO 12 109

FATORES DE RISCOS ASSOCIADOS A POLIMEDICAÇÃO EM IDOSOS

Flávia Marques da Silva

Fernanda Marques da Silva

Márcio Antonio de Assis

DOI 10.22533/at.ed. 31820170112

CAPÍTULO 13 121

GERONTOLOGIA E QUALIDADE DE VIDA: SEGURANÇA E ACESSO DOS IDOSOS EM LOCAIS PÚBLICOS

Marcela Iartelli Silva

Leonardo Moreira Dos Santos

Tatiana Miyuki Ueyama

Marcio Antonio de Assis

Emilio Donizeti Leite

DOI 10.22533/at.ed. 31820170113

CAPÍTULO 14 131

HIV NA POPULAÇÃO IDOSA

Fernanda Marques da Silva

Flávia Marques da Silva

Márcio Antonio de Assis

DOI 10.22533/at.ed. 31820170114

CAPÍTULO 15 142

VANTAGENS DA TERAPIA DAS REDES DE BALANÇO EM UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA NEONATAL

Debora Cristina Ribeiro

Jonatas de Freitas Correa

DOI 10.22533/at.ed. 31820170115

CAPÍTULO 16 153

O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DE MARINHO (IDAM): APLICAÇÃO DO MÉTODO

Antônio de Magalhães Marinho

Suzana da Silva Pereira

Maria Lelita Xavier

Julia Marinho Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed. 31820170116

CAPÍTULO 17 167

O TEATRO COMO INSTRUMENTO SOCIOEDUCATIVO NA ESCOLA - EXPERIÊNCIAS EXITOSAS

Eduardo Alexander Júlio César Fonseca Lucas

Lucas Lima de Carvalho

Lucas Rodrigues Claro

Amanda dos Santos Cabral

Regina Izabella Mendes da Costa

Marcela Pereira da Silva Mello

Maria Cristina Dias da Silva

Bruna Liane Passos Lucas

Antonio Eduardo Vieira dos Santos

Ravini dos Santos Fernandes Vieira dos Santos

Alexandre Oliveira Telles

Vera Lucia Rabello de Castro Halfoun

Maria Kátia Gomes

DOI 10.22533/at.ed. 31820170117

CAPÍTULO 18 179

VIVER SOZINHO NA TERCEIRA IDADE: SINÔNIMO DE INDEPENDÊNCIA?

Magda Ribeiro de Castro

Ruana Ribeiro Rodrigues

Giselle Kirmse Rodrigues

Carolina Falcão Ximenes

Ana Paula Santos Castro

Gabriela Brandt Will

Gustavo Costa

Maria Lucia Costa de Moura

Solange Aparecida Mauro Fioresi

Isabel de Souza Netto Daroz

Hildebrando Souza Santos

DOI 10.22533/at.ed. 31820170118

CAPÍTULO 19 191

VITAMINA DE REDUÇÃO DO RISCO DE CÂNCER: ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS, CLÍNICO E EXPERIMENTAIS

Hyan Ribeiro da Silva
Alice Lima Rosa Mendes
Antonia Rosalia Pimentel Pinto
Carlos Antonio Alves de Macedo Júnior
Franciane Paiva da Silva
Gerson Tavares Pessoa
Hillary Marques Abreu,
Jéssica Maria Santana Freitas de Oliveira
Jordhanya Barros da Silva Almeida
José Chagas Pinheiro Neto
Lexlanna Aryela Loureiro Barros
Luã Kelvin Reis de Sousa
Maisa Campêlo de Sousa
Natália Borges Guimarães Martins
Patrícia Nunes dos Santos
Rayssa Hellen Ferreira Costa

DOI 10.22533/at.ed. 31820170119

SOBRE A ORGANIZADORA..... 199

ÍNDICE REMISSIVO 200

ADESÃO AO USO DO PRESERVATIVO MASCULINO POR ACADÊMICOS HOMENS DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA DA REGIÃO SUL DO PAÍS

Data de aceite: 19/12/2019

Candice da Silva Flores

Autora. Enfermeira. Especializanda no Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Clínica Especializada com Ênfase em Infectologia e Neurologia da UFN. E-mail: candicesf@yahoo.com.br

Herton Gilvan Caminha Goerch

Coautor. Matemático. Mestre em Ensino de Física e Matemática. Professor da Faculdade Integrada de Santa Maria – FISMA. UNIFRA. E-mail: herton.goerch@fisma.com.br

RESUMO: O presente trabalho é um estudo de campo, de caráter descritivo, com abordagem quantitativa, tendo por objetivo descrever a adesão ao uso do preservativo masculino por acadêmicos homens dos cursos de Administração e Enfermagem de uma Instituição de Ensino Superior privada da região Sul do país. 88,46% responderam que utilizam preservativos masculinos e femininos em suas relações para evitar Infecções Sexualmente Transmissíveis. Pelas respostas obtidas ao finalizar a parte de análise e discussão dos dados foi possível evidenciar que a maioria dos acadêmicos homens desta instituição adere ao uso do preservativo masculino em suas relações sexuais, porém, deixam de utilizar o mesmo quando estão em relacionamentos

estáveis, o que também não difere de outros estudos de mesmo tema. Deve-se ampliar essas discussões à nível acadêmico de forma que o uso e a adesão ao preservativo sejam cada vez mais frequentes nesse público e na comunidade em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Preservativo; Camisinha; Enfermagem; Saúde do Homem

1 | INTRODUÇÃO

Muitos homens poderiam evitar maiores agravos em sua saúde se procurassem realizar medidas primárias de prevenção. Atualmente é reconhecido que os mesmos adentram ao sistema de saúde através da atenção especializada, por meio de alguma enfermidade mais grave que poderia ter sido evitada se fosse diagnosticada precocemente. Estudos comprovam que, em comparação com as mulheres, “os homens são mais vulneráveis às doenças, sobretudo às enfermidades graves e crônicas, e que morrem mais precocemente que as mulheres”. O que evidencia o quanto os homens não procuram os serviços de atenção básica aumentando, dessa forma, as taxas de morbimortalidade desse gênero (BRASIL, 2008, p. 05).

Ao longo dos anos, disseminou-se a ideia

de que as políticas públicas em saúde são destinadas a populações específicas, entre elas, as mulheres, os idosos, as crianças e adolescentes, sendo que elas devem ser, na realidade, um serviço de saúde de qualidade para todos (CASARIN, SIQUEIRA, 2014). Por esses serviços privilegiarem ações de saúde para tais populações, os homens continuam com o pensamento ilógico de rejeitarem a perspectiva de adoecerem, acrescidos da dificuldade de discernir suas necessidades (BRASIL, 2008).

Dessa forma, de acordo com Casarin e Siqueira (2014), incluir a população masculina nas ações de saúde é um dos grandes desafios para todos os envolvidos nos serviços de saúde do Brasil. Em agosto de 2008, para suprir a necessidade de ter uma política que atenda as demandas da população masculina nas ações e serviços de saúde, o Ministério da Saúde lançou a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), “que trata, especificamente, da saúde do homem” e “[...] objetiva orientar as ações e serviços de saúde para a população masculina com integralidade e equidade primando pela humanização da atenção” (CASARIN, SIQUEIRA, 2014, p. 663).

De acordo com as mesmas autoras, necessita-se de uma melhor organização dos serviços públicos de saúde para acolher esse público específico e fazer com que o homem se sinta parte integrante do serviço. Medidas preventivas devem ser adotadas em conjunto com outras políticas públicas de saúde existentes para receber essa demanda e tornar a atenção primária realmente a porta de entrada do Sistema Único de Saúde – SUS. Conforme a Constituição Brasileira, em seu artigo 196, a saúde é um dever do Estado e um direito de todo o cidadão brasileiro (BRASIL, 1988).

Pensando nisso, o Ministério da Saúde – (MS), através da PNAISH visa estimular o autocuidado e assegurar que o homem brasileiro tenha ações e estratégias de atenção integral a sua saúde, possibilitando a redução da morbimortalidade e o consequente aumento da expectativa de vida (BRASIL, 2008). Aliado a isso, antes mesmo de formular esta política, o governo federal, através do MS, em toda sua rede pública de saúde, distribui gratuitamente preservativos, sendo o Brasil o “país que mais compra e distribui camisinhas no mundo”. Além disso, também distribui gratuitamente testes rápidos para HIV, sífilis e hepatites B e C que podem ser realizados nas Unidades Básicas de Saúde – UBS e nos Centros de Testagem e Aconselhamento – CTA’s (BRASIL, 2015).

De acordo com Alves (2016), numa pesquisa realizada no ano de 2013, no Brasil, com mais de 2 mil participantes, 52% dos entrevistados nunca/raramente utilizam preservativos, 10% utilizam às vezes e apenas 37% utilizam sempre/frequentemente. Os números não modificam muito em relação à outra pesquisa realizada no mesmo ano, envolvendo 12 mil pessoas, com idades entre 15 e 63 anos,

encomendada pelo Ministério da Saúde. Nesta, 45% dos entrevistados declararam não terem usado o preservativo neste ano de 2013 e que 94% dos mesmos sabem que o preservativo é meio mais seguro de evitar as IST's (O GLOBO, 2016).

Como experiência pessoal da pesquisadora, durante sua trajetória acadêmica, o presente tema causou certa inquietação ao constatar, principalmente nas aulas práticas realizadas na Atenção Básica, nas Unidades Básicas de Saúde – UBS e nas Estratégias de Saúde da Família – ESF, junto à percepção dos profissionais lotados nestes locais, o grande aumento dos casos de IST's, particularmente do Vírus da Imunodeficiência Humana ou HIV – *Human Immunodeficiency Virus*, Hepatites B e C, Sífilis e, conseqüentemente, Sífilis Congênita.

Ao presenciar toda essa problemática, percebeu-se a necessidade de buscar novos conhecimentos tanto para a própria qualificação profissional quanto para contribuir com o trabalho dentro dessas instituições, além de ratificar a necessidade da implantação da PNAISH, em conjunto com outras políticas, nesses ambientes afim de atingir toda a população brasileira: homens, mulheres, adolescentes, idosos, lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, intersexo e outras identidades – LGBTI.

Em virtude da relevância do tema, justifica-se a realização deste trabalho, devido à necessidade de o enfermeiro estar preparado para atuar na orientação da utilização de preservativos não somente para métodos contraceptivos, mas principalmente como prevenção das IST's. O presente estudo tem por objetivo **descrever a adesão ao uso do preservativo masculino por acadêmicos homens de uma Instituição de Ensino Superior privada da região Sul do país.**

2 | REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Implementando a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH

A saúde da população masculina ganhou mais enfoque devido à baixa procura desses indivíduos aos serviços básicos de saúde, além dos altos números que envolvem a morbimortalidade de homens no Brasil (XAVIER, et al., 2015). O Programa Mais Saúde, de 2008, formulado pelo governo do Brasil contemplava 73 medidas mais 165 metas, das quais uma delas era a “implementação de ações voltadas para a atenção à Saúde do Homem”, criada em 2008 pelo Ministério da Saúde, mas lançada oficialmente somente em 2009 (LEAL, FIGUEIREDO, SILVA, 2012).

De acordo com a Coordenação Nacional de Saúde dos Homens – CNSH/ DAPES/SAS/MS, responsável pela implementação da PNAISH, para promover a melhoria da saúde do homem adulto, que corresponde aos indivíduos masculinos

entre 20 e 59 anos, em todo o território nacional, desenvolveu-se esta política através de cinco eixos temáticos, que são: Acesso e Acolhimento, Saúde Sexual e Reprodutiva, Paternidade e Cuidado, Doenças Prevalentes na População Masculina e Prevenção de Violência e Acidentes, sendo que o eixo temático Saúde Sexual e Reprodutiva tem por definição buscar sensibilizar todos os envolvidos para admitir os homens como pessoas que também possuem direitos sexuais e reprodutivos e, como tais, devem estar cientes das ações e estratégias idealizadas nesta área (BRASIL, 2014).

Segundo Xavier, et al. (2015), apesar da implementação de todas essas políticas pelo MS, os índices demonstram que os homens ainda não acessam os serviços básicos de saúde e nem promovem seu autocuidado, quando comparados com as mulheres. Ações de promoção e prevenção de doenças à população masculina devem estar aliadas a compreensão dos mesmos sobre o processo saúde-doença, uma vez que cada pessoa tem seu próprio entendimento quanto a certos conceitos.

2.2 O Uso do Preservativo como Dispositivo de Prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e Contracepção

O primeiro preservativo masculino deve sua criação aos chineses, que o confeccionaram com papel de seda untado em óleo. Relatos históricos datam de 1600 a.C., de Creta, o qual era usado na forma de bexiga natatória de peixe, utilizado pelo Rei Minos. Os egípcios também o utilizavam, como foi observado em algumas tumbas de Karnak (SILVA, LOPES, MUNIZ, 2002).

Em meados do século XVII, era denominado condom e confeccionado em linho. Já em 1843 passou-se a utilizar a borracha em sua confecção, mas segundo Santos, et al, (2016, p.61) era considerado “pouco aderente, de preço elevado e anti-higiênica devido à reutilização”. Somente em 1990, com a descoberta do látex, de “textura maleável, maior aderência, confortável e descartável” que o preservativo se tornou o dispositivo anticonceptivo de maior escolha das populações e para evitar IST's (SANTOS, et al., p.61, 2016).

Além do preservativo masculino, na idade média, aliou-se seu uso a alquimia que eram porções criadas pelos alquimistas em forma de poções onde utilizavam, por exemplo, “urina de cordeiro, pós de testículos de touro torrados e outras receitas” em misturas contraceptivas. Um artesão criou um dispositivo a partir de uma porção do intestino de carneiros, o qual era costurado em uma de suas extremidades, e na outra deixava-se a bainha aberta, tornando uma idealização do que hoje é processado e comercializado (SILVA, LOPES, MUNIZ, 2002).

Dourado, et al. (2015), analisou em seus estudos que existem diversos fatores associados ao uso da camisinha entre distintos grupos populacionais. Em relação à

população em geral, os dados indicam que o uso regular da camisinha está associado ao fato de ser homem, ter idade entre 15 e 24 anos, ter recebido preservativos gratuitos e não possuir parceira fixa. No que se refere à religião, os brasileiros não vinculados a qualquer crença religiosa, possuem maior aquiescência ao uso do preservativo, enquanto que entre os evangélicos existe uma maior adesão por parte dos estudantes católicos do que os de outras afiliações evangélicas.

Em outra pesquisa realizada no Brasil, entre caminhoneiros e a população geral, revela que os homens tendem a abandonar o uso de preservativos quando constituem relação fixa com suas parceiras, denotando que a confiança é determinante para o uso do preservativo (FARIA, et al., 2015).

A confiança nas parceiras fixas favorece o não uso de preservativos, sendo que esse dado foi presente em todos os estudos referidos, independentemente de ser a esposa ou outras mulheres, demonstrando o quanto a mulher é vulnerável às IST's e outras infecções.

3 | METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo de campo, de caráter descritivo, com abordagem quantitativa retirado da monografia apresentada à Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, como requisito para obtenção do grau de Bacharel de Enfermagem. Teve como finalidade descrever aspectos acerca da adesão ao uso do preservativo masculino pelos acadêmicos homens de uma Instituição de Ensino Superior privada da região Sul do país, utilizando como método a análise estatística.

A pesquisa científica quantitativa identifica informações de ordem numérica, de forma que o pesquisador procura “*classificar, ordenar ou medir as variáveis*” para exibir dados estatísticos, confrontar grupos, determinar associações de maneira generalizada, onde qualquer pessoa possa entender, com uma pequena margem de erro, o resultado da pesquisa (VIEIRA, 2009, p.5).

O método quantitativo representa, de certa forma, a garantia da precisão dos resultados de maneira a evitar interferência na análise e interpretação desses dados promovendo uma ampla margem de segurança (RICHARDSON, et al., 2012).

Conforme Gil (2008), os estudos de campo procuram aprofundar as questões propostas através de um planejamento flexível, mesmo que com isso o objetivo seja reformulado. Além disso, utiliza-se um único grupo ou comunidade de forma a ressaltar sua interação e/ou estrutura. Além disso, as pesquisas descritivas estudam as características de determinado grupo ou comunidade delimitando novas visões de um mesmo problema. Aliadas, estas pesquisas ajudam a solucionar questões práticas.

O local da pesquisa foi a Faculdade Integrada de Santa Maria (FISMA), a qual

é uma Instituição de Ensino Superior, privada e com fins lucrativos que foi fundada na cidade de Santa Maria/RS em 10 de abril de 1997 (SACCOL, et al, 2014). A cidade é Santa Maria, município pertencente a Unidade Federativa do Rio Grande do Sul desde 17 de maio de 1858 (RECHIA, 2009).

Os participantes do estudo foram os acadêmicos homens devidamente matriculados nos cursos de Administração e Enfermagem da FISMA. Sabe-se que no segundo semestre de 2016 haviam 796 alunos matriculados, entre homens e mulheres, de acordo com cada curso, sendo 237 na Administração e 559 na Enfermagem (CPA FISMA, 2017).

A população total da pesquisa foi composta por todos os acadêmicos homens devidamente matriculados nos cursos de graduação em Administração e Enfermagem da FISMA, nos turnos diurno e noturno. A amostra utilizada foi proporcional ao número da população de cada curso e sua determinação obedeceu aos cálculos estatísticos, onde se utilizou um nível de confiança de 95% e com taxa de erro de até 5%, ambos baseados na seguinte fórmula estatística: $n = \frac{Z^2 \cdot P \cdot e}{e^2}$, onde “n” é o tamanho da amostra de cada curso, “N” é a população, “Z” é variável normal padronizada associada ao nível de confiança, “P” é a verdadeira probabilidade do evento e “e” o erro amostral (CALLEGARI-JACQUES, 2008).

De acordo com a Secretaria Geral da IES, o número de acadêmicos homens matriculados no segundo semestre do ano de 2017 nos cursos de graduação em Administração e Enfermagem era 73 e 121, respectivamente. O que nos deu uma população de 194 acadêmicos homens devidamente matriculados nos respectivos cursos. Utilizando-se da fórmula estatística anteriormente proposta, chegou-se a amostras individuais de acadêmicos homens matriculados nos dois cursos, sendo 39 do curso de Administração e 65 do curso de Enfermagem. Desta forma, o número da amostra para a população anteriormente descrita foi de 104 acadêmicos homens que foram entrevistados.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário previamente formulado pela acadêmica autora da presente pesquisa. Os dados foram coletados somente após a aprovação da pesquisa em todas as instâncias competentes, incluindo o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFSM em 09/05/2018, com o número de registro CAAE 85198118.4.0000.5346. A aplicação dos questionários ocorreu no mês de maio de 2018, durante as aulas. Para isso foi solicitado previamente uma autorização da coordenação de cada curso e também a autorização do professor que estava ministrando a aula no momento da coleta.

4 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para facilitar a discussão dos resultados, foram criadas 03 categorias de acordo

com a disposição que os dados foram inseridos nas tabelas: Perfil Socioeconômico dos Participantes; Perfil Comportamental dos Participantes; Atitude do Participante Frente ao Uso do Preservativo.

4.1 Perfil Socioeconômico dos Participantes

A partir dos dados analisados, foi possível identificar que, em relação aos dados socioeconômicos, a maioria dos acadêmicos de ambos os cursos de graduação respondeu à pergunta sobre gênero ou orientação sexual marcando a resposta “Masculino”, com 90,34% dos entrevistados.

Em relação a seu estado civil, mais da metade dos participantes, 59 acadêmicos, marcou a opção “Solteiro”, ou seja, 56,73%. Esse número se repete na questão que fala sobre sua religião, pois a mesma quantidade respondeu que são católicos, ou seja, 56,73% dos acadêmicos envolvidos na pesquisa, evidenciando uma característica de particularidade na pesquisa.

Na pergunta sobre etnia, a maioria dos acadêmicos marcou a resposta “Branca”, perfazendo um valor total de 79 participantes (75,96%), o que não difere muito dos números levantados no resto do Brasil. Em pesquisa realizada em 2014, os estudantes de IES, com idades entre 18 e 24 anos e etnia branca representavam um total de 71,4%, mas esse número vem aumentando a cada ano (LISBOA, 2015).

Porém o mesmo não se repete quando se analisa a renda familiar dos participantes. A mesma pesquisa de 2014 mostra que 36,4% dos estudantes do ensino superior têm renda acima de 8 salários mínimos (LISBOA, 2015). Na pergunta sobre a renda familiar dos participantes desta pesquisa, apenas 2 acadêmicos (1,92%) marcaram a opção condizente à renda familiar acima de 8 salários mínimos, ficando a maioria, 64 acadêmicos (61,54%), com a opção condizente com a renda familiar entre 1 a 4 salários mínimos federais. Fica evidenciado na pesquisa um perfil sócio econômico dos acadêmicos da instituição.

Quanto à profissão dos participantes, pode-se perceber que existe uma tendência entre alguns em buscar o aperfeiçoamento profissional, pois 14 acadêmicos (35,91%) do curso de Administração já trabalham em alguma área administrativa, enquanto que 24 acadêmicos do curso de Enfermagem (36,92%) já são Técnicos de Enfermagem.

Segunda pesquisa realizada no Brasil, 70% dos estudantes universitários trabalham (CARTA CAPITAL, 2012), o que demonstra que esse dado não difere do que foi encontrado nesta pesquisa, a qual demonstra que 76% dos participantes trabalha ou exerce alguma atividade remunerada.

Outro dado relevante encontrado nesta pesquisa, foi o número de acadêmicos que se dedicam somente ao estudo. Dos 104 participantes, 21 (20,19%) são somente

estudantes, enquanto que, no Brasil, no ano de 2016, este número chegou à 25,8% representando 11,6 milhões de pessoas na faixa etária de 16 a 29 anos (SILVEIRA, 2017).

4.2 Perfil Comportamental dos Participantes

Sobre a questão que fala sobre “Como você se sente ao falar de sexo?”, 72 participantes (69,23%) responderam que se sentem “à vontade” ou “muito à vontade” em falar sobre esse tema, 15 se sentem “neutros” ou “envergonhados” e somente 1 se sente “muito envergonhado”.

Um padrão parecido pôde ser observado na pergunta “De que forma você utiliza o preservativo masculino com seu parceiro ocasional?”, onde 67 participantes (64,42%) responderam que “Sempre” e “Após realizados exames de IST’s por ambos”. E somente 12 participantes (11,54%) responderam que “Nunca” utilizam o preservativo masculino.

Quanto à iniciação sexual, de acordo com esse estudo a maioria dos participantes, 46 (44,12%), respondeu que teve sua iniciação sexual entre 15 e 16 anos, o que está de acordo com os dados levantados pelos Ministérios da Saúde e da Educação que concordam que a idade média de iniciação sexual dos meninos, no Brasil, está entre os 15 e 16 anos (MULLER, 2014).

Conforme os cálculos de alguns especialistas, 3,5% da população de homens que se dizem “heterossexuais”, nos Estados Unidos, fazem sexo com outros homens e com mulheres (BARGUEÑO, 2015). Ao realizar-se o presente estudo, pode-se avaliar que na pergunta “Você se relaciona sexualmente com?”, onde as respostas eram “Homens”, “Mulheres”, “Homens e Mulheres”, 4 participantes (3,85%), responderam que fazem sexo com homens e mulheres, o que não difere muito do percentual da outra pesquisa.

Outro dado interessante foi que, nesta mesma pergunta, 88 (84,65%) dos participantes responderam que fazem sexo com mulheres e quase o mesmo número, 89 acadêmicos (85,58%), responderam que fazem uso do preservativo masculino em suas relações sexuais.

Segundo Cancian (2015), 12,5% dos brasileiros afirmam ter mais de cinco parceiros sexuais por ano. Na pesquisa atual, este número fica próximo, sendo 12 acadêmicos (11,52%) que responderam que tiveram mais de cinco parceiros sexuais durante os últimos doze meses.

Na mesma pergunta, 59 acadêmicos (56,73%) responderam que tiveram somente um parceiro ao longo dos últimos 12 meses equivalendo à quase os 62 (59,62%) acadêmicos que responderam que “Não” à pergunta “Você já teve algum relacionamento fora do casamento ou do namoro firme?”.

De acordo com Alves (2016), 52% dos brasileiros nunca ou raramente usam preservativos em suas relações sexuais. Neste estudo, os dados ficaram diferente da média brasileira, sendo que 46 (44,23%) dos acadêmicos responderam que “Nunca”, “Quase Nunca” ou “Às vezes” utilizam o preservativo masculino em suas relações sexuais e 57 (54,81%) dos participantes responderam que “Quase sempre” e “Sempre” utilizam o preservativo masculino.

De acordo com o Ministério da Saúde, o uso do preservativo ainda é considerado o método mais eficaz de se proteger das IST's e de evitar uma gravidez não desejada, porém, mesmo 94% dos brasileiros terem esse conhecimento, 45% da população ativa sexualmente não faz uso do preservativo (BRASIL, 2015).

Da mesma forma, um padrão parecido ocorre com os participantes deste presente estudo, pois na pergunta “O que você faz para evitar Infecções Sexualmente Transmissíveis?”, 92 acadêmicos (88,46%) responderam que utilizam preservativos masculinos e femininos em suas relações.

Além disso, 100 participantes (96,16%) responderam à pergunta “De que forma você adquire o preservativo masculino?” com as respostas “Compra”, “Serviços públicos de saúde”, “FISMA”, “Amigo” e “Outro”, sendo que muitas das respostas tiveram mais de uma escolha, comprovando que além de comprarem também adquirem de outras formas.

Porém, ao analisar-se as mesmas duas perguntas anteriores, “O que você faz para evitar Infecções Sexualmente Transmissíveis?”, com a resposta “Usa preservativo masculino”, com 89 (85,58%) dos participantes; e “De que forma você adquire o preservativo masculino?”, com a resposta “Compra”, que teve 86 (74,78%) dos participantes, obtêm-se um padrão parecido com a pesquisa de 2015 realizada no Brasil.

O que também sugere que a maioria dos acadêmicos homens sabem como evitar as IST's com o uso do preservativo, mas 57 (54,81%) desses mesmos acadêmicos responderam à pergunta “Você usa preservativo masculino (camisinha) em suas relações sexuais?” com as respostas “Quase sempre” e “Sempre”. O que evidencia que, apesar de terem o conhecimento, deixam de utilizar o preservativo em suas relações sexuais.

4.3 Atitude do Participante Frente ao Uso do Preservativo:

De acordo com Veroni, Toledo e Araújo (2018), o preservativo é o método contraceptivo mais barato, mais seguro e de fácil acesso além de evitar o contágio das IST's. Ainda conta com a versão masculina de látex ou de outro material antialérgico e com a versão feminina que são fabricados com poliuretano ou borracha nitrílica. Apesar de toda essa preocupação em fabricar produtos mais eficientes,

com materiais que cada vez protegem mais e não causam tanto incômodo e nem alergias, o Brasil registra uma média anual de 40 mil casos novos de Aids e um aumento significativo de Sífilis Adquirida, ambas transmitidas sexualmente.

Quando perguntados aos participantes do presente estudo “Para você, quem deve levar o preservativo?”, 97 (93,27%) dos acadêmicos responderam “Ambos” e “Você”, o que se reflete em outras questões. Pois, na pergunta “Se seu parceiro ocasional esquece de levar o preservativo, o que você faz?”, a maioria dos participantes, 65 (62,50%), responderam que “Insiste com o (a) parceiro (a) para que compre o preservativo e recusa ter relação sexual sem o mesmo”.

Uma proporção aproximada é vista também na pergunta “Você deixaria de utilizar o preservativo para agradar seu parceiro?”, onde 62 (59,62%) participantes responderam que “Não” e na pergunta “Quando um amigo (a) diz que o preservativo atrapalha na relação sexual você considera isso?”, 64 (61,54%) participantes marcaram as repostas “Uma forma de justificar o não uso” ou “Não concorda”.

O que demonstra que esses dados não diferem muito do que vem sendo publicado nos últimos anos, pois em outra pesquisa realizada durante o carnaval de 2013, na cidade do Rio de Janeiro, ao ser realizada a pergunta “Você deixaria de utilizar o preservativo para agradar seu parceiro?”, 64,3% dos homens entrevistados responderam que “Não” e na pergunta “Quando um amigo (a) diz que o preservativo atrapalha na relação sexual você considera isso?”, 66,9% dos homens entrevistados marcaram as opções “Uma forma de justificar o não uso” ou “Não concorda” (FRANSCISCO, et al, 2016).

O que ocorre também na pergunta “No caso de seu/sua parceiro (a) se recusar a utilizar o preservativo, o que você faz?”, no presente estudo 46 (44,23%) acadêmicos responderam “Recusa-se a ter relação”, enquanto que na pesquisa realizada em 2013, de autoria de Francisco, et al. (2016), a mesma pergunta foi utilizada e 41,2% dos participantes homens responderam a mesma sentença, ou seja, “Recusa-se a ter relação”.

Na pesquisa realizada por Francisco, et al. (2016), durante o Carnaval de 2013, da cidade do Rio de Janeiro, ficou identificado que o maior motivo, entre as mulheres, do não uso do preservativo é a negativa do parceiro. O que também ficou evidenciado no presente estudo, pois, de acordo com a pergunta “Qual o motivo que levaria você à não adesão ao uso do preservativo masculino?”, a maioria dos participantes, 62 (59,62%) responderam “Confiança no parceiro”, e 13 (12,50%) “Diminuição do prazer sexual”. Os quais perfazem juntos, 75 (72,12%) acadêmicos de ambos os cursos.

5 | CONCLUSÕES

Em todos os momentos durante a realização deste estudo, ficou evidente a importância do uso do preservativo para o controle da natalidade e para a prevenção de IST's. Ficou evidente também que, independentemente de sua aquisição, seja gratuita, seja comprada, os testes de qualidade que estes produtos sofrem, demonstram que os mesmos são eficientes em seu propósito.

Os resultados obtidos neste estudo não diferem muito dos resultados encontrados em outras pesquisas formuladas ao longo dos últimos cinco anos. Ou seja, que as pessoas conhecem o preservativo, sabem para o que se destinam, mas deixam de utilizá-lo, principalmente quando desenvolvem uma relação mais duradoura com outro parceiro.

Pelas respostas obtidas ao finalizar a parte de análise e discussão dos dados foi possível evidenciar que a maioria dos acadêmicos homens desta IES adere ao uso do preservativo masculino em suas relações sexuais, porém, deixam de utilizar o mesmo quando estão em relacionamentos estáveis, o que também não difere de outros estudos de mesmo tema.

O enfermeiro, como detentor de informações relevantes à saúde da população e formador de opinião, deve estar atento a este quadro, levando cada vez mais informações acerca de IST's e controle de natalidade em qualquer espaço que se oportunize essa temática. Deve-se ampliar essas discussões à nível acadêmico de forma que o uso e a adesão ao preservativo sejam cada vez mais frequentes nesse público e na comunidade em geral. O presente estudo reafirmou a necessidade de se realizar mais pesquisas neste contexto com a comunidade acadêmica, devido à relevância das informações obtidas e à necessidade de se realizar mais pesquisas sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALVES, Joana. **Mais da metade dos brasileiros não usa camisinha, mostra pesquisa**. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-usa-caminsinha-mostra-pesquisa/>>. Acesso em 15 de setembro de 2017 e 10 de junho de 2018.

BARGUEÑO, Miguel. **Por que os homens “heteros” fazem sexo com outros homens?**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/24/sociedad/1440425476_656178.html>. Acesso em 09 de junho de 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde do Homem. **Política Nacional de Atenção Integral da Saúde do Homem – PNAISH**. Disponível em <<http://portalsms.saude.gov.br/saude-para-voce/saude-do-homem/politica-nacional-de-atencao-integral-a-saude-do-homem-pnaish>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: Princípios e Diretrizes**. Brasília: 2008.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Portal da Saúde. **Coordenação Nacional de Saúde do Homem – CNSH**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/804-sas-raiz/daet-raiz/saude-do-homem>>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

_____. Governo Federal. Cidadania e Justiça. **Uso de Camisinha é o Meio mais Eficaz de Prevenção Contra o HIV**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/03/uso-de-camisinha-e-o-meio-mais-eficaz-de-prevencao-contra-contagio-do-hiv>>. Acesso em 05 de junho de 2017 e em 09 de junho de 2018.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em 08 de junho de 2017.

CALLEGARI-JACQUES, Sidia. Bioestatística: princípios e aplicações. Porto Alegre: **Artmed**, 2003, Reimpressão: 2008, 255p.

CANCIAN, Natália. **Quase 50% dos brasileiros relatam mais de dez parceiros sexuais na vida**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2015/01/1582001-quase-50-dos-brasileiros-relatam-mais-de-dez-parceiros-sexuais-na-vida.shtml>>. Acesso em 10 de junho de 2018.

CARTA CAPITAL. Redação. **70% dos estudantes universitários do Brasil trabalham, diz estudo**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/universitarios-brasileiros-assumem-perfil-independente-e-empresario-diz-estudo>>. Acesso em 9 de junho de 2018.

CASARIN, Sidneia; SIQUEIRA, Hedi. Planejamento familiar e a saúde do homem na visão das enfermeiras. **Revista de Enfermagem da Escola Anna Nery**, vol. 18, n. 4, p. 662-68, Out./Dez., 2014.

CPA FISMA, 2017. Comissão Própria de Avaliação da FISMA. **Relatório Parcial de Autoavaliação Institucional da FISMA Ano 2016**. Disponível em: <<http://www.fisma.edu.br/Cpa/Documentos/Avalia%C3%A7%C3%A3o%20CPA2016.pdf>>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

DOURADO, Inês; et al. Revisitando o uso do preservativo no Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, n. 18, suppl. 1, p. 63-88, Set., 2015.

FARIA, Krisna; et al. Comportamentos de risco quanto ao Vírus da Imunodeficiência Humana entre caminhoneiros. **Revista de Enfermagem da UERJ**, vol. 23, n. 1, p. 27-32, Jan./Fev., 2015.

FISMA. Faculdade Integrada de Santa Maria. Autorização. Disponível em: <<http://www.fisma.edu.br/Gradua%C3%A7%C3%A3o/Tecnologia%20em%20Gest%C3%A3o%20Comercial/Documentos/Autoriza%C3%A7%C3%A3o%20Gest%C3%A3o%20Comercial.pdf>>. Acesso em 30 de setembro de 2017.

FRANCISCO, Márcio; et al. O uso do preservativo entre os participantes do Carnaval – perspectiva de gênero. Rio de Janeiro: **Revista da Escola de Enfermagem Anna Nery**, vol. 20, n. 1, p. 106-113, Jan./Mar., 2016.

FURASTE, Pedro. Normas técnicas para o trabalho científico. 18ª ed., Porto Alegre: **Furaste**, 2016, 230p.

GIL, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª ed., São Paulo: **Atlas**, 2008.

LEAL, Andréa; FIGUEIREDO, Wagner; SILVA, Geórgia. O percurso da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde dos Homens (PNAISH), desde a sua formulação até sua implementação nos serviços públicos locais de atenção à saúde. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 17, n. 10, out.,

2012.

LISBOA, Vinícius. **Número de estudantes no ensino superior aumenta; maioria ainda é branca e rica.** Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-12/ensino-superior-avanca-25-pontos-percentuais-entre-jovens-estudantes-em-10>>. Acesso em 06 de junho de 2018.

MULLER, Laura. **O adolescente e a iniciação.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/o-adolescente-a-iniciacao-13924234>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

O GLOBO. **Camisinha: 45% dos brasileiros não a usam.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/camisinha-45-dos-brasileiros-nao-usam-15181153>>. Acesso em 15 de setembro de 2017.

RECHIA, Aristilda. **Origem Histórica de Santa Maria.** Disponível em: <<http://santamaria-rs-brasil.blogspot.com.br/2009/08/origem-historia-de-santa-maria.html>>. Acesso em 25 de julho de 2017.

RICHARDSON, Roberto; et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3ª ed., São Paulo: Atlas, 2012.

SACCOL, Ailo; et al. **Projeto Pedagógico Institucional 2014-2018.** Disponível em: <http://fisma.edu.br/Documentos/Projetos/PROJETO%20PPI_FISMA.pdf>. Acesso em 25 de julho de 2017.

SANTOS, Camila. Adesão ao uso do preservativo masculino por adolescentes escolares. Vitória: **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, vol.18, n.2, p.60-70, abr./jun., 2016.

SILVA, Andréa; LOPES, Creso; MUNIZ, Pascoal. Blitz do preservativo masculino e feminino: porte, acondicionamento e uso. Rio de Janeiro: **DST – Jornal brasileiro de doenças transmissíveis**, vol.14, n.6, p.22-32, 2002.

SILVEIRA, Daniel. **Número de jovens que não estudam nem trabalham atinge 25,8% do total em 2016, diz IBGE.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/numero-de-jovens-que-nao-estudam-nem-trabalham-cresce-20-em-4-anos-e-chega-a-258-em-2016-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em 09 de junho de 2018.

VERONI, Wander; TOLEDO, Penélope; ARAUJO, Gabrielle. **#Curiosidade: você sabe qual é a importância da camisinha para um sexo seguro?** Disponível em: <<http://blog.saude.mg.gov.br/2018/02/10/curiosidade-voce-sabe-qual-e-a-importancia-da-camisinha-para-um-sexo-seguro/>>. Acesso em 10 de junho de 2018.

VIEIRA, Sonia. **Como elaborar questionários.** São Paulo: Atlas, 2009.

XAVIER, Sheila, et al. Concepção de saúde e autocuidado pela população masculina de uma Unidade Básica de Saúde. **Revista Enfermería Global**, n. 40, p. 55-65, Out., 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

SÍMBOLOS

(Auto)avaliação 33, 158, 159

A

Acessibilidade ao idoso 122

Adam 153, 154, 155, 156, 157, 158, 165

Aprendizado 6, 54, 55, 72, 153, 155, 156, 158, 169

Atenção primária à saúde 4, 167, 168

Audição 2, 3, 5, 6, 7, 8, 147, 155

B

Bothrops 44, 45, 48, 49, 50

C

Camisinha 22, 25, 26, 30, 32, 33, 34

Câncer 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198

Competência profissional 88, 98

Cuidados críticos 79, 81

Cuidados de enfermagem 19, 70, 82, 159

Cuidados paliativos 61, 63, 64, 65, 66, 68

D

Diabetes mellitus 36, 37, 39, 42, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 115

Doenças da córnea 100

Domicílio unipessoal 180, 181, 184, 186, 187, 189

Dor 17, 42, 44, 48, 62, 63, 66, 67, 75, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 145

E

Educação em saúde 2, 4, 58, 168, 169, 171, 172, 173, 174

Educação permanente 2, 4, 54, 61, 67, 72, 87, 88, 93, 96, 97, 98, 99

Educação superior 88

Enfermagem pediátrica 168, 177

Enfermeiros 37, 39, 58, 65, 68, 71, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 103, 144

Epidemiologia 33, 44, 50, 51, 133, 191, 192, 193, 194

Estratégias locais 88

Extensão 4, 16, 39, 42, 53, 54, 55, 59, 60, 69, 70, 71, 72, 73, 168, 169, 173, 177

F

Fatores de risco 53, 56, 59, 74, 75, 82, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 115, 118, 151

G

Gerenciamento 11, 15, 89, 99, 173

Gerontologia 121, 122, 123, 129, 141, 189, 190

H

Hipertensão arterial 36, 37, 39, 56, 57, 74, 112, 115

Hospitais 66, 85, 88, 97, 123, 129, 146

Humanização 23, 63, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 176

I

Idam 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165, 166

Idoso 17, 18, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 131, 132, 133, 136, 140, 141, 179, 180, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190

Independência 127, 128, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 188

M

Morte 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 113, 135, 181, 186, 194

P

Pessoas em situação de rua 69, 70, 71, 72, 73, 77, 78

Polimedicação 109, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120

Práticas integrativas e complementares 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42

Prematuridade 142, 144, 149, 150

Preservativo 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 133, 136

Processo de trabalho 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 66, 70, 72, 74, 87, 88, 89, 92, 96, 97, 156, 160, 161

Profissional de enfermagem 61, 94

Promoção da saúde 2, 4, 5, 9, 37, 38, 39, 40, 103, 127, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 188, 199

Q

Qualidade de vida 38, 42, 55, 57, 58, 66, 96, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 139, 140, 144, 169, 170, 181, 182, 187, 188, 189

S

Saúde do homem 22, 23, 24, 32, 33

Saúde do idoso 109, 129, 131, 179, 181, 189

Saúde escolar 168

Saúde holística 70

Saúde pública 3, 14, 19, 37, 40, 44, 45, 54, 92, 95, 129, 139, 141, 178, 186, 199

Sistema vestibular 142, 143, 144, 146, 147, 149, 150

Sucção 79

U

Unidade de terapia intensiva 61, 63, 64, 65, 68, 79, 80, 81, 82, 86, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 142, 143, 144, 151

Unidade de terapia intensiva neonatal 142, 143, 144, 151

Unidades de terapia intensiva 65, 68, 78, 79, 83, 95, 100, 108

V

Vacinação 6, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 73, 170

Vitamina d 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198

